

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO, 15 DE JANEIRO DE 1882	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO)	N.º 20
	Trimestre..... 350 réis		Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 "		Semestre..... 1200 "	
	Anno..... 1400 "		Anno..... 2400 "	
ESCRITORIO—RUA DA RAINHA N.º 95				

REGULAMENTO PARA O SERVIÇO DOS BOMBEIROS MUNICIPAES NO PALACIO DO MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES, EM LISBOA, DURANTE A EXPOSIÇÃO DE ARTE ORNAMENTAL.

Artigo 1.º—O corpo do bombeiros municipaes dará diariamente um piquete de sete homens para o Palacio do Museu Nacional de Bellas-Artes, enquanto ali durar a exposição de arte ornamental.

Art. 2.º—Este piquete é nomeado por escalla, como todos os outros, mas o chefe será sempre escolhido pelo inspector e não poderá trocar este serviço com nenhum outro bombeiro, ainda mesmo que seja de gradação superior á sua.

Art. 3.º—Todas as salas destinadas á exposição são alphabetadas de A até M, e a cada uma d'ellas corresponde um *posto de observação*, que é um oculo aberto no alto de uma das paredes por onde tem de ser constantemente vigiadas durante as horas que estiverem fechadas para o publico.

Art. 4.º—Todos os *postos de observação* são também alphabetados pelo lado dos corredores que lhes dão acesso com as mesmas letras das salas a que correspondem; e em cada um d'elles ha um botão de campainha electrica, (collocado pela parte de fóra do oculo na parede da sala) que communica directamente com a casa da guarda do piquete de bombeiros.

Art. 5.º—Em todos os pontos do edificio ha *postos de soccorro*, aonde estão collocadas bocas de incendio de diversos calibres, e estes são numerados desde 1 até 16. A numeração d'estes *postos de soccorro* começa pelas tres bocas de incendio que ha no jardim, segue pelas que estão junto do vestibulo, continua pelas do andar nobre, passa ás do segundo pavimento aonde estão situados os *postos de observação* e termina nas dos sotões do 3.º e ultimo andar.

Art. 6.º—As bocas de incendio estão sempre armadas com um lanço de mangueira de lona, uma agulheta e um jogo de chaves. As tres bocas de incendio do jardim são armadas com mangueiras de couro pregado.

Art. 7.º—Na parte mais alta do edificio, e em ponto de facil comunicação para os telhados, ha as seguintes ferramentas e utensilios: um machado de carpinteiro; dois croques grandes; dois croques pequenos; duas desferradeiras; duas espias de 25 metros.

Art. 8.º—No segundo andar, e no ponto mais central do palacio, em relação aos *postos de observação*, ha uma pequena estação telegraphica, com um apparelho telephonico, communicando com a casa da guarda dos bombeiros.

Art. 9.º—A casa da guarda dos bombeiros é situada na parte inferior do edificio junto á estação dos

guardas do palacio, tendo facil saída para o lado do jardim e rapida comunicação com a escada interior que dá accesso para todos os pavimentos e prompto caminho até aos telhados. N'ella haverá uma estação telegraphica que se corresponde: 1.º com a estação collocada no centro do segundo pavimento; 2.º com o commandante da guarda militar do palacio; 3.º com todos os postos de observação; 4.º com a estação principal da inspecção dos incendios nos paços do concelho. Um grande despertador, e um quadro de numeros e letras servirão para accusar todo o serviço das rondas, havendo também um relógio que bata horas e que será sempre regulado pelo da estação principal da inspecção dos incendios. Na casa da guarda haverá os seguintes utensilios e ferramentas: um machado de carpinteiro, dois croques grandes, dois croques pequenos, duas agulhetas, 50 metros de mangueira de lona, 4 peças de mangueira de couro, 2 espias de 25 metros, 40 francaletes, um ramal de tres torneiras, um jogo de chaves de bocas de incendios e 4 lanternas de segurança.

Art. 10.º—Todas as noites, no acto de ser rendido o piquete de bombeiros, o chefe que entra de guarda acompanhado do chefe que tem de sair, cada um munido de sua lanterna de segurança, correm todos os postos de observação e de soccorro, examinando se todas as bocas de incendio estão guarnecidas com o seu armamento e com as respectivas chaves e fazendo tocar todas as campainhas dos postos de observação que correspondem com a casa da guarda dos bombeiros.

Art. 11.º—Feita esta primeira ronda, que tem por fim a entrega e conhecimento de todo o material de soccorro, descem os dois chefes á casa da guarda e verificam se no quadro appareceram todos os alvos com os numeros e letras que foram rondados e no caso de faltar algum será repetida a ronda pelo chefe que faz a entrega.

Art. 12.º—Verificado o estado de todos os apparelhos de comunicação, e conferido o inventario e a collocação dos utensilios e ferramentas de soccorro, o chefe que entra de guarda participa este acto telegraphicamente para a estação principal da inspecção dos incendios com as palavras: *Não ha novidade*.

Art. 13.º—Quando houver qualquer desarranjo nos apparelhos telegraphicos, o chefe dará immediatamente parte á inspecção, afim de que o telegraphista proceda desde logo ás precisas reparações.

Art. 14.º—Logo que esteja rendida a guarda com as formalidades acima indicadas, o chefe faz o detalhe do serviço de rondas, no qual deverão entrar os guardas da exposição que pernhoitam no palacio, e que é o seguinte:

Numerados os bombeiros de 1 a 7 e da mesma fórma os guardas; o bombeiro n.º 1, que é o proprio chefe, faz sentinella na casa da guarda até á meia noi-

te; o bombeiro n.º 2, da meia noite até ás 4 horas; o n.º 1 entra de novo ás 4, e assim por diante.

A sentinella é responsavel por todo o serviço de segurança contra incendio, e tem a seu cargo fazer sair as rondas de hora em hora.

A's 9 horas são rondistas o bombeiro n.º 3 e guarda n.º 1.

A's 10 horas o bombeiro n.º 4 e guarda n.º 2.

A's 11 horas o bombeiro n.º 5 e guarda n.º 3.

A' meia noite o bombeiro n.º 6 e guarda n.º 4.

A' 1 hora o bombeiro n.º 7 e o guarda n.º 5.

A's 2 horas o bombeiro n.º 3 e guarda n.º 1.

Art. 15.º—Os rondistas munidos de lanternas de segurança percorrem todos os *postos de observação*, examinam por elles todas as salas e fazem tocar todas as campainhas; quando terminam esta operação vão á estação collocada no centro do edificio, e chamando para a casa da guarda, o bombeiro diz pelo telephone — *Completa a ronda* — ao que a sentinella depois de verificar que todas as letras dos *postos de observação*, appareceram nos alvos do quadro, responde com as mesmas palavras. — *Completa a ronda* — No caso de ter falhado algumas das letras a sentinella indicará aos rondistas esta falta, a fim que elles a reparem fazendo tocar a respectiva campainha.

Art. 16.º—Desde o amanhecer até á hora de se abrir a exposição e durante as horas que está aberta, as rondas serão feitas por um só homem, mas o processo será sempre o mesmo, e logo que fechar a exposição, passam a ser feitas por dois, conforme fica determinado.

Art. 17.º—E' obrigatorio o grande uniforme durante as horas que estiver aberta a exposição, e um bombeiro percorre constantemente as salas.

Art. 18.º—Todos os dias, depois da saída do publico, serão as salas revistadas pelo chefe dos guardas, acompanhado do commandante da força militar e do chefe do piquete de bombeiros; e depois de terem verificado que todas as portas que communicam com os corredores, estão convenientemente seguras, fecharão a porta principal com tres chaves, ficando a primeira d'ellas em poder do chefe dos guardas, a segunda em poder do commandante da guarda militar e a terceira em poder do chefe do piquete de bombeiros. A abertura diaria das salas será feita com a mesma formalidade.

Art. 19.º—Quando occorer alguma circumstancia extraordinaria que obrigue a que a porta principal tenha de ser aberta fora das horas determinadas, serão observadas as mesmas prescripções, fazendo o commandante da guarda collocar as sentinellas que julgar convenientes.

Se este facto se der em consequencia de incendio, ou mesmo de suspeita de incendio, será no mesmo instante communicado á inspecção.

Art. 20.º—E' absolutamente prohibido fumar ou fazer lume dentro do palacio da exposição.

Art. 21.º—Da guarda da exposição não poderá afastar-se mais de um homem por cada vez, indo com licença do chefe, a qual nunca excedera a uma hora, e só durante o dia.

Art. 22.º—Quando haja incendio nas vizinhanças do palacio e a distancia menor de 100 metros, o chefe poderá destacar duas praças das que estiverem de folga.

Art. 23.º—Na casa da guarda, e mesmo no jardim, é absolutamente prohibida a entrada de pessoas alheias ao serviço da exposição, ainda que sejam ou-

tros bombeiros, sendo apenas admittidas as rondas superiores da inspecção dos incendios.

Art. 24.º—O serviço dos bombeiros no palacio da exposição é considerado para todos os effeitos como serviço de incendios, e ás infracções d'estas disposições serão rigorosamente applicadas as penas do regulamento.

Inspecção geral dos incendios, 20 de novembro de 1881.—O inspector geral, *Carlos J. Barreiros*.

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 15 DE JANEIRO

2 de janeiro.—A's 8 horas da noite. Travessa das Musas, casa n.º 1, da ilha n.º 43. Propriedade de Antonio d'Almeida, occupada por Augusto Pereira. Principio de incendio n'uma porção de farrapos, de prompto extinto pelos vizinhos, causando insignificantes prejuizos. Compareceram as bombas n.º 8 e dos bombeiros voluntarios, cujos serviços não foram necessarios.

5 de janeiro.—A's 10 horas e meia da noite. Villa Nova de Gaya, logar das Devezas. Fabrica de fição de seda de José Mariani, estabelecida n'uma propriedade de Santos e Pereira, d'esta cidade. Incendio por combustão espontanea n'uma porção de seda que estava a secar na estufa, damnificando o madeiramento e causando prejuizos em cerca de 400\$000 reis, cobertos pelas companhias Bonança e Garantia. O incendio foi dominado pela bomba da estação do caminho de ferro, das Devezas, que de prompto compareceu com alguns empregados, a quem se deve não ter o incendio attingido maiores proporções. As primeiras bombas que d'esta cidade compareceram foram a dos bombeiros voluntarios e a municipal n.º 4. Esteve presente o pessoal e material do municipio de Gaya e o do Porto que acode áquelle districto.

7 de janeiro.—A's 5 horas. Rua do Sobre Douro n.º 5. Merceria de Manoel Pinto Lisboa. Principio de incendio que a vizinhança atalhou sendo insignificantes os prejuizos a que deu causa. As torres não deram signal.

7 de janeiro.—A's 11 horas da noite. Rebate falso dado na estação dos bombeiros voluntarios de que havia incendio no largo da Trindade em casa de Antonio Bernardo Ferreira, visto sabir áquella hora, por uma chaminé, uma grossa nuvem de fumo. Ao local chegaram a ir a bomba e carro dos bombeiros voluntarios e a bomba municipal n.º 4, que retiraram immediatamente, averiguando que nada havia que dêsse motivo ao alarme. O individuo que deu a falsa noticia foi detido. Não houve toque nas torres.

12 de janeiro.—A's 8 horas da manhã. Rua do general Torres n.º 250 a 256, em Villa Nova de Gaya, propriedade de Antonio Soares da Silva e occupada por diversos moradores. O fogo ateou-se em uma porção de palha e carqueija que estava em uma loja das trazeiras do mesmo predio, com sahida para as escadarias do Monte, e onde habita Maria de Jesus, a qual havia sahido a comprar alguns arranjos domestico, deixando em casa duas creanças, sendo uma d'estas ainda de muito tenra idade, e a outra de 4 annos apenas. Suppõe-se que fosse esta que inconscientemente lançou fogo á palha. A vizinhança salvou as duas creanças que chegaram a correr perigo. Os prejuizos não são avultados.

Trabalhou a bomba n.º 1 do municipio de Gaya que primeiro compareceu. O predio tem seguro na Bonança. A bomba que d'esta cidade chegou ao local do sinistro foi a municipal, n.º 4. Compareceu o pessoal e material dos bombeiros voluntarios e do municipio que sahe para aquella circumscripção.

13 de janeiro. — A' uma hora da madrugada. Rua da Ferraria n.º 165 a 169. Propriedade de Antonio d'Oliveira Pinto, occupado por José Pereira dos Santo. Principio de incendio atalhado pela bomba municipal n.º 4. Os prejuizos foram insignificantes. O predio tinha seguro.

Theatros incendiados

Durante o anno findo foram destruidos pelas chamas 13 dos principaes theatros da Europa, a saber:

Theatro Communal, de Cronstad, a 10 de janeiro; Alexandri, de Modena, a 17 de março; Municipal, de Niza, a 23 de março; Municipal, de Montpellier, a 6 de abril; Fallero, de Athenas, a 7 de abril; Real, de Ravensgat (Inglaterra), a 27 de abril; Real, de Belfast (Inglaterra), a 8 de junho; Felsineo, de Bolonha, a 29 de junho; Grande Theatro de Cadiz, a 9 de agosto; Nacional, de Praga, a 13 de agosto; Park Theatre, de Londres, a 14 de setembro; e Ringtheater, de Vienna, a 8 de dezembro.

Presume-se que estes sinistros motivaram 5:800 victimas, aproximadamente.

É indubitavelmente exagerada similhante cifra.

*
* * *

Publicou-se em Bruxellas ultimamente um livro com respeito aos incendios que tem havido em theatros. N'elle se registram 252 casos de destruição completa de theatros pelo incendio.

D'esse 252 theatros reduzidos a cinzas, 5 foram incendiados antes de se inaugurarem e 70 conservaram-se apenas 5 annos depois da sua inauguração; 38 não chegaram a atingir 10 annos de existencia; 45 não alcançaram 20 annos; 27, 30 annos; 12, 40 annos; 20, 50 annos; e 17, 60 annos; 7 apenas existiram durante 80 annos; 8 durante 100 annos; e 3 sómente excederam essa idade.

Trinta e sete salas de espectáculo arderam por duas vezes; oito, e das maiores, por tres vezes; quatro por quatro vezes; e cinco vezes o theatro nacional de Washington.

Examinando cada paiz em separado, nota-se que tem havido 176 incendios geraes ou parciaes nos Estados-Unidos, 68 na Inglaterra, 63 em França, 49 na Allemanha, 45 na Italia, 26 na Austria-Hungria, 24 na Russia e 17 na Hespanha e Portugal. Total: 468 incendios.

N'este conjunto de sinistro o mais horrivel é os algarismos que representam o numero das victimas d'alguns d'elles e que se resumem na seguinte lista:

No anno de 1872, em Amsterdam, 18 pessoas; 1778, em Saragoça, 137 pessoas; 1781, em Pariz, 21 pessoas; 1781, em Nantes, 7 pessoas; 1794, em Capo d'Istria, 1:000 pessoas; 1811, em Richmond, 78 pes-

soas; 1836, em S. Petersburgo, 800 pessoas; 1838, em Ancona, 2 pessoas; 1845, em Canton, 1:700 pessoas feridas e 1:670 mortas; 1846, em Quebec, 200 pessoas; 1847, em Carlsruhe, 200 pessoas feridas e 63 mortas; 1853, em Moscou, 11 pessoas; 1857, em Livourne, 200 pessoas feridas e 100 mortas; 1877, em Philadelphia, 16 pessoas feridas e 13 mortas; 1872, em Tien-Tsin, 600 pessoas feridas; 1876, em Brooklyn, 283 pessoas; 1877, em Montpellier, 400 pessoas; etc.

Os citados 468 incendios de theatros distribuem-se da fórma seguinte por periodos:

Seculo XVI.....	2
» XVII.....	16
» XVIII.....	40
» XIX — 1800-10.....	16
— 1810-20.....	14
— 1820-30.....	31
— 1830-40.....	33
— 1840-50.....	44
— 1850-60.....	74
— 1860-70.....	98
— 1870-80.....	100
	468

Por aqui se vê que o numero de incendios nos theatros cresce de anno para anno.

Correspondencias

Lisboa, 14 de janeiro de 1882

(Do nosso correspondente)

Ha uma certa crueldade em me fazer escrever esta correspondencia em quanto Lisboa inteira goza nas ruas as festas com que são honrados os reis hespanhoes.

Assim os meus leitores permittir-me-hão que d'aqui a um quarto de hora eu termine e saia a vêr a parada pois que estou ouvindo n'este instante a banda d'um regimento que sem duvida vae tomar o seu logar na formatura.

— Tive o prazer de encontrar um d'estes dias o meu presado amigo, o sr. Guilherme Gomes Fernandes, commandante dos bombeiros voluntarios d'essa cidade. O snr. Fernandes, ao que me disse, veio a gozar as festas e conta retirar-se no comboio de terça-feira á noite.

— A inspecção geral dos incendios fez affixar na respectiva repartição o regulamento para o serviço do piquete dos bombeiros durante a exposição da arte ornamental. Comprehende 24 artigos.

— Já começou no dia 7 a inspecção aos theatros de Lisboa para se conhecer do seu estado de segurança e prevenção para os casos de incendio. Dar-lhes-hei parte do que a esse respeito fôr occorrendo.

— Finou-se ultimamente o sr. Antonio Maria Pereira Montenegro, estimado typographo da imprensa nacional. O feretro seguiu n'um reparo da associação de serviço da ambulancia em incendio, onde o finado per-

tencia, sendo collocada sobre o caixão uma corôa de perpetuas offerecida pela mesma associação. Pegaram ás borlas do caixão o sr. presidente da mesa da assembléa geral da associação typographica lisbonense e mais collegas e amigos do finado. Uma deputação da associação typographica e outra da caixa de soccorros da imprensa nacional, bem como deputações dos bombeiros voluntarios de Belem e municipaes de Lisboa, prestaram as homenagens devidas ao malogrado moço.

— Foram para Villa Viçosa a fazer serviço nos paços reaes durante a permanencia ali dos reis de Hespanha e Portugal alguns bombeiros municipaes d'esta cidade.

— A subscrição promovida em Lisboa a favor das familias das victimas do incendio do Ring-Theatre, de Vienna d'Austria, produziu um conto de reis.

— A companhia de seguros Fidelidade offereceu á corporação dos bombeiros municipaes de Lisboa a quantia de 400\$000 reis com destino a augmentar o fundo do monte-pio da mesma associação.

É digna de sincero elogio a companhia de seguros Fidelidade estimulando e reconhecendo assim os dedicados serviços dos bombeiros de Lisboa.

G.

Varias noticias

Os bombeiros voluntarios de Vianna do Castello deram alguns espectaculos em beneficio do seu cofre representando o *Processo do Rasga* e o *Carnaval no convento*, sendo plenamente coroados os seus esforços já pela numerosa concurrencia que affluu ao theatro já pelos applausos que em barda lhes foram dados.

O producto d'uma das recitas foi cedido em favor dos bombeiros municipaes. Este facto honra notavelmente a briosa associação.

— A fim de estudar o estado actual dos edificios destinados para espectaculos, sob o ponto de vista da hygiene e da segurança, especialmente contra incendios, foi nomeada pelo sr. governador civil de Braga uma commissão, que ficou composta do delegado de saude, o sr. Antonio Maria Pinheiro Torres, do director das obras publicas, o sr. Henrique Guilherme Thomaz Branco, do engenheiro districtal, o sr. Antonio Placido de Vasconcellos Peixoto, do chefe de secção de obras publicas e director do theatro de S. Geraldo, o sr. Antonio dos Santos Azevedo Magalhães, e do inspector dos incendios, o sr. Gaspar Leite de Azevedo.

— Nesta cidade, a commissão nomeada para identico fim, ficou composta dos srs. engenheiros Faustino José da Victoria, José Jeronymo de Faria e Alvaro Allão Pacheco, delegado de saude dr. João Vieira Pinto, e sub-delegados drs. Joaquim José Ferreira e Joaquim Pereira Moitas.

A este respeito observa, e quanto a nós com so-beja razão, o seguinte, um diario d'esta cidade:

«Estranhámos — e não pouco — que tratando-se sobretudo de evitar grandes desastres em caso de fogo, não fosse nomeado para fazer parte d'esta commissão o sr. inspector dos incendios, indubitavelmente a pessoa mais competente para indicar o que convirá fazer e as modificações que haverá a introduzir no estado actual das nossas casas de espectáculo.

Isto não é por fórma alguma pôr em duvida a competencia dos senhores engenheiros nomeados, mas, em todo o caso, na questão sujeita de obviar ás consequencias funestas de um incendio, entendemos que a experiencia e os conhecimentos praticos do sr. inspector deviam ser julgados imprescindiveis, tanto mais que hoje em dia este cargo é exercido tambem por um engenheiro e dos mais disinctos.»

Imprescindivel em tal commissão é decerto o sr. dr. João Vieira Pinto:

— Para inspecionar o theatro da Caridade, em Vianna do Castello, ficou assim composta a commissão: srs. João Thomaz da Costa, director das obras publicas; João José Pereira Dias, capitão de engenharia e commandante da Associação de Bombeiros Voluntarios e dr. José Mendes Norton, delegado de saude.

— O pelouro dos incendios no municipio de Vizeu ficou a cargo do sr. Cardozo Mesquitella.

— Em Coimbra a commissão incumbida de vistoriar as casas de espectáculo ficou composta dos srs. commissario de policia, administrador do concelho, director das obras publicas, engenheiro do districto e delegado de saude.

Esta commissão que já deu porfindos os seus trabalhos declarou que nenhuma das casas de espectáculo d'aquella cidade se podia considerar em boas condições para um caso de incendio.

— Sob o commando do sr. Gualter Martins da Costa, digno inspector dos incendios, teve revista na manhã do dia 8 do corrente, a companhia de bombeiros municipaes de Guimarães.

— Foi arrematado o fornecimento de 30 capacetes para a companhia de bombeiros municipaes da mesma cidade pelo preço de 4\$500 reis cada um, por João Carvalho Guimarães.

— Por ordem do director da exploração dos caminhos de ferro do Minho e Douro, o sr. engenheiro Augusto Cesar Justino Teixeira, foram mandadas vir de Inglaterra duas bombas de incendio a fim de serem distribuidas por algumas estações da linha, para ser utilizadas em qualquer sinistro de fogo. Uma d'essas bombas, a mais pequena, é de transporte braçal, e assenta sobre uma carreta. Tanto uma como outra foram experimentadas com exito na estação de Campanhã, na presença do referido senhor.

Foram encommendadas para identico fim mais duas bombas de incendio ao constructor d'esta cidade, o sr. Antonio Moreira da Silva Couto, as quaes devem ficar concluidas dentro de pouco tempo.

— Pediu a sua exoneração de chefe da companhia dos bombeiros municipaes de Vizeu o sr. José de Salles Mendonça e Silva.

Sentimos a resolução que acaba de tomar o sr. Salles, muito mais porque nos dizem que a motivaram algumas dissidencias com membros da companhia que commandava.

O sr. Salles durante o tempo do seu exercicio deu sobejas provas da sua actividade e competencia para e cargo que exercia.

— No dia seis do corrente teve revista de material a companhia dos bombeiros voluntarios da Povoa de Varzim. Hoje repetir-se-ha a mesma revista de mostra do material á camara, procedendo depois a associação a eleição dos diversos cargos da sua gerencia.

Durante a formatura far-se-ha ouvir a expensas dos socios, uma philharmonica.

— Já se procedeu á vistoria do theatro Principe Real. Parece que a commissão, encarregada d'esse ser-

viço, entendeu que a casa estava em boas condições para dar sahida aos espectadores em caso de sinistro, à excepção das galerias, onde mandou abrir mais duas portas. Relativamente aos depositos da agua e à canalisação, consta que os julgaram nas condições requeridas.

Nas portas de todas as sahidas foram avisadamente collocados disticos com os dizeres — *Sahida. Abre para fóra.* Brevemente ao que nos consta serão collocados nos corredores varios candieiros d'azeite prevendo o caso de que por qualquer circumstancia falhe no theatro a illuminação a gaz.

— A vistoria ao theatro Baquet deve verificar-se estes dias.

Aguardamos a publicação do relatorio da commissão para sobre elle fazermos algumas considerações que já temos apontadas.

— Os empregados dos caminhos de ferro do Minho e Douro acabam de instituir uma Associação de Instrucção e Recreio, que tem *annexo* um corpo de bombeiros, que prestarão socorro em caso de incendio, tanto em qualquer estação da linha como na área de terreno limitrophe da estação do Pinheiro, sendo para isso instruidos por o socio sr. Azevedo.

— O *Jornal de Vizeu* tem publicado o regulamento da companhia contra incendios, de Vizeu. Não se nos affigura obra de *mestre*.

peçoas de familia; ao ouvir os gritos que annunciavam o incendio no theatro, o rapaz que habitava no mesmo quarteirão, corre, lança se no interior do edificio e no espantoso tumulto grita por sua mulher; uma voz lhe responde: . . . é ella! O joven precipita-se de novo como um leão; pisa, esmaga os obstaculos para alcançá-la; já não vê com o fumo, porém ainda ouve a voz. Redobra de energia; e ali, ali n'aquelle grupo, envolvido n'um turbilhão de fumo, o salvador alcança aquelle ponto, mas o fumo augmenta; elle estende os braços, arrasta uma mulher que lhe dá a mão, e a leva á mais proxima sabida, suffocado quasi, com o cabelo e a roupa queimada.

O sublime salvador chega ao meio da praça onde deposita o corpo inanimado da mulher amada de quem pode emfim ver o rosto á luz exterior do incendio.

Á vista d'esse rosto, o mancebo dá um grito terrível, e como tomado de loucura arremessasse de novo ao theatro; em vão o querem conter, desaparece de novo, e para sempre, no brazeiro.

O infeliz, em vez da sua esposa salvara uma desconhecida!

— No circo de Bradforde (Inglaterra), estava-se no meio de uma representação, quando se ouviu repentinamente o grito de «Fogo!» Os espectadores, possuidos de extraordinario panico, procuravam fugir, esmagando-se, asphyxiando-se e calcando-se. Apesar dos esforços que fez o director do circo para serenar os animos, declarando que não havia fogo em parte alguma, o terror que se apoderára do publico não se desvaneceu senão quando já estavam vazias as tribunas. Procedeu-se então ao exame das victimas, que eram em grande numero; mas felizmente, nenhuma de morte. Averiguou-se depois que o grito de «Fogo!» fóra dado.

— Ainda o Ringtheatre.

Ainda se não desvaneceu e já vae um mez decorrido, a impressão da horrivel catastrophe que a população de Vienna a cada intante recorda. Tem continuado os trabalhos de desentulho e a cada passo se encontram vestigios da horrosa desgraça. E' assim que ultimamente se encontrou no amphitheatro da terceira galeria uma porção de ossos calcinados que foram conduzidos ao cemiterio central.

Todas as galerias estão agora solidamente escuradas e pode-se visitar, sem perigo, as diversa partes do theatro.

Tambem se encontraram muitos botões dos vestidos das senhoras e alguns objectos de metaes preciosos que foram entregues á policia.

A syndicancia aberta pelos cuidados da auctoridade, permittiu que se attingisse a lista quasi definitiva das victimas de 8 de dezembro.

Apresenta 447 individuos, e n'esse numero ha 153 pessoas sómente cuja identidade pôde ser indubitavelmente provada.

Entre os 204 individuos restantes que morreram igualmente nas chammas, ha incerteza sobre 8 pessoas (3 homens e 3 mulheres); como é, porém, desde a data nefasta de 8 que esses individuos deixaram de apparecer no seu domicilio, é infelmente com demasiado fundamento que se cre' na sua morte.

Um facto bastante estranho é que o motor do gaz do Ring-Theater, da força effectiva de doze cavallos, e que servia para a illuminação electrica, foi objecto de uma inspecção minuciosa dos delegados da auctoridade, e reconheceu-se que o motor e seus accessorios haviam ficado absolutamente intactos.

BIBLIOTHECA PORTUENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL

A BIBLIOTHECA PORTUENSE procurará publicar todos os mezes um volume de cerca de 200 paginas com um romance original ou traducção d'algum auctor reputado.

As publicações da BIBLIOTHECA PORTUENSE nunca abrangerão mais do que um numero, podendo assim o assignante suspender a sua assignatura sem que a obra fique incompleta ou a BIBLIOTHECA PORTUENSE sujeita a qualquer reclamação.

A BIBLIOTHECA PORTUENSE brevemente iniciará a sua publicação com o romance

UMA FILHA DE EVA

DE

M. DE SALZAG

Traducção de RODRIGO DE SEABRA

A BIBLIOTHECA PORTUENSE eustará por cada numero

Por assignatura, 300 rs.— Avulso, 100 rs.

Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio da BIBLIOTHECA PORTUENSE, rua da Rainha n.º 95—Porto.

No estrangeiro

Um episodio do incendio do Ringtheatre:

Um joven recém-casado, ficara em casa retido pelos seus negocios e sua mulher fóra ao theatro com

-- Houve ultimamente, em Galveston, no Estado de Tesar, Estados Unidos, um grande incendio que causou prejuizo em cerca de um milhão de dollars.

Chronica quinzenal

O Porto está presentemente em Lisboa. Quando dizemos o Porto, entenda-se o que tem os elementos pecuniarios indispensaveis para se transportar á bella cidade de marmore e de granito em occasiões solemnes como esta. O outro Porto, o que trabalha todo um dia para ao cabo de lide tamanha viver na indigencia e morrer na miseria, esse contenta-se em saborear a descripção das festas, mercê de 10 reis que gasta comprando o *Primeiro de Janeiro*. E já não é pouco, com toda a certeza. Pois se, no dizer das gazetas lisboenses, se alugam por 300\$000 reis umas simples varandas, e se compram camarotes por 40 libras, nós, que vemos todos esses espectaculos deslumbrantes, na prosa diaria dos senhores correspondentes de Lisboa, mediante a modica quantia de 10 reis, devemos considerarmo-nos muito felizes, porque, do nosso aposento, sem empuxões, sem calcadellas, sem calor, assistimos á chegada dos monarchas hespanhoes, vemos desfilar o cortejo, entramos no hypodromo, tomamos parte nos bailes, nas corridas, nas reuniões, vemos tudo, tudo, muito á nossa vontade... e por 10 reis! Vejam a que grandissima importancia não chega ás vezes, por uma serie de dados acontecimentos, aquella insignificante moeda!

Não nos lastimemos nós, que não temos motivo para isso. Podemos tambem dizer que assistimos aos festejos com que a politica portugueza se dignou honrar a politica hespanhola; vemos tudo, tudo, até as coisas que certamente não veem as milhares de pessoas que valem nos bailes, pompeam nos theatros e se acotevelam nas ruas. É que a imaginação nos seus caprichos, leva-nos ás vezes a ver coisas muito extraordinarias. Por exemplo. Lá vae a familia..., uma familia antiga e arruinada que não quer mostrar-se inferior ás que vivem na opulencia, empenhar uma joia qualquer: — olhem, olhem aquelle chefe de repartição, como corre com um embrulho escondido em direcção ao monte-pio!... Vejam mais aquelle...

Mas, para que? Não veem isto tudo, como nós, todos quantos quizerem ver?..

E não é necessario sahirnos de nossa casa, do socego do nosso modesto quarto, do suave aconcho da nossa humilde e modesta habitação, onde se respira o ar suavissimo da sinceridade e da ventura; não é necessario embrenharmo-nos n'esses dedalos medonhos que chegam a ser abysmos enormes onde muita gente se perde, para ver todas essas coisas!

Não nos chamem, por isto, descrente; somos apenas o que todos são deante d'estas scenas estudadas, como as peças que se preparam nos theatros para attrair o povo e sensibilisar-lhe o espirito. Aborrece-mos estas manifestações que não são sinceras, que não traduzem um pensamento alevantado, que não significam outra coisa que não seja a conveniencia dos grandes em detrimento da conveniencia dos pequenos, as combinações secretas d'uma diplomacia de interesses,

as intrigas e os arranjos d'uma politica ambiciosa e torpe, que á semelhança das prostitutas, se aluga e entrega ao que mais dá. O povo assiste a estes espectaculos theatraes, na inconsciencia do que é; paga para todas essas apparatusas festas, e só lhe deixam gosar as que se fazem nas ruas! Elle, o misero, paga as illuminações e os banquetes, e morre em casa ás escuras e á fome!

... Mas... para onde iamos nós, n'estas considerações desalentadas e frias como as manhãs d'este janeiro desabrigado que vamos atravessando?... Para onde iamos?... Talvez para as espheras serenas e nobres da Verdade; como, porém, nem todas as verdades se disem, o melhor é não disermos mais nada.

Mutação, pois!

As festas em Lisboa, em honra dos soberanos hespanhoes, tem corrido animadissimas, d'um enthusiasmo sincero e franco, que torna mais grandiosas estas solemnidades. O povo, na justa comprehensão dos seus deveres, recebeu com as amabilidades mais distinctas os reaes personagens, representantes d'uma nacionalidade valente, dispensando-lhes as attenções mais delicadas e obsequiando-os com a galanteria mais distincta. Succedem-se os bailes deslumbrantes, promovem-se corridas sumptuosas, queimam-se fogos vistosissimos, esplendem illuminações brilhantes, sorriem uniformes garridos, tilintam espadas virgens, lusem condecorações polidas, palpitam penachos variegados, soam musicas e cornetas, arfam corações, arrastam-se sedas, setins, velludos, brilham pedras carissimas, corre o dinheiro, com a impetuosidade d'uma levada, e tudo folga, ri, brinca, e diverte-se, n'uma grande despreocupação infantil, n'um contentamento facil e exoptaneo de quem vive a melhor e a mais descansadas das vidas.

Felizes dos povos que assim patenteiam a sua ventura!

As magestades hespanholas estão penhoradissimas pelo modo como tem sido obsequiadas, e as magestades portuguezas intimamente satisfeitas pelo contentamento dos seus hospedes.

Provavelmente é isto o que todos quererão que se diga, e para não cahirmos no desagrado d'uns e d'outros, escrevemos para agradar aos paladares de gregos e troyanos. É sempre bom, digamol-o baixinho, condescender com todas as opiniões; não custa nada ser republicano, socialista, monarchico ou catholico; o grande principio é este — dizer com todos!

Deixando os esplendores e as fascinações das festas lisboenses, em honra dos monarchas das Hespanhas, entremos nos theatros, despídos das ornamentações brilhantes que a esta hora vestem S. Carlos e D. Maria, e digamos da deliciosa opera-comica d'esse grande caricaturista da musica, que se chamou Offenbach — *A Senhora Archiduque*.

Esta peça, que ha annos foi vivamente applaudida pela companhia da actriz italiana Maria Frigerio, não conseguiu, vertida para a nossa lingua, ter o exito que então obteve. A muitas causas attribuem a queda da opereta; a unica, para nós, está na gravidade composta e distincta do entrecho do poema. O nosso publico é extraordinariamente extravagante em coisas de theatro: — applaude todas as immoralidades, clamando contra ellas, e insurge-se contra as produções decentes, dizendo que é preciso moralisar o theatro! Decididamente o nosso publico é incomprehensivel. Se lhe dão um drama, como a *Thereza Raquin*, por exemplo, não vae ao theatro, e acha indecente, infame, que uma mu-

lher dispa em scena um vestido: vae, porém, assistir a uma opera comica, e quantas mais bambochatas se ensaiarem deante de si, mais applaude, mais ri, com a gulodice d'aquelles velhos impotentes que vão espreitar ás casas da devassidão o que já não lhes é licito realisar. E esses moralistas da immoralidade, levam ao theatro as suas mulheres, as suas filhas, sem receio de que ellas se percam!!

Temos innumerados factos para documentar estas asserções; toda a gente conhece o successo que obtiveram a *Perichole*, os *Dragões d'el-rei*, o *Doutor Piccolo*, e ultimamente a *Mascotte*, successo que se derivou unica e simplesmente da brejeirice das situações que se cruzam n'aquellas peças. Eliminam-lhe aquellas scenas petulantes, as phrases equivoças, os dialogos apimentados, e deixam-as só com o apparato da *mise-en-scene*, que o theatro ficará sem espectadores. Está demonstrado á evidencia que o nosso publico, d'uns rigores tolissimos quando lhe dão um drama, admite unicamente uma opera comica se ella for atrevida; não o sendo, chama-lhe uma sensaboria, uma coisa desgraçada... uma estopada sem graça nenhuma!

Com a *Senhora Archiduque*, occorreu tudo isto; a peça é muito apparatusa, tem um scenario deslumbrante, um guarda-roupa luxuoso, uma musica agradável, mas não tem as pilherias descompostas, as pandilhices reles que abrem a valvula da hilaridade do espectador indigena; *não faz rir*, e ahí está tudo.

Essa gente tem do riso uma noção unica; entende que para se rir á vontade é necessario o acirrar de uma obscenidade; o castigo dos ridiculos, a traça decente e limpa das miserias sociaes, não provoca o riso a esses sisudos indigenas, não tem graça, não tem espirito, não tem nada!

Pois tem, sapientissimos ignorantes! Tem critica, e vós nunca soubestes o que isso foi, e por esse mesmo motivo não podeis comprehender coisa alguma do que vedes... ou antes, do que não vedes, sensaborões eternos que discutis coisas que nunca podeis perceber!

A *Archiduque*, mercê da sua seriedade, não agradeu, pois, a esse publico. Que lhe havemos de fazer?... Quem é mais digno de lastima, o publico ou a peça?...

Parece-nos que o publico; é elle o que merece lastima, pela sua falta de senso artistico, que tanto o compromette, compromettendo, por igual, o futuro do nosso theatro.

O desempenho d'esta produção theatral, se não é para causar enthusiasmos, não é tambem para provocar censuras. Na primeira noite, a pouca segurança que os artistas tinham dos seus papeis accusava falta de ensaios, inconveniente que não raro succede n'aquelle theatro do Principe Real. Nas noites seguintes, porém, o desempenho tem sido muito discreto, não havendo rasão que justifique a frieza dos espectadores.

A sr.^a Manzoni, protagonista, diz com bastante graça o seu papel, e pena é que o ensaiador se não dispuzesse a corrigir-lhe uns certos defeitos de pronuncia, que por vezes a prejudicam. Ainda assim, e apesar de não dar ás phrases a accentuação que ellas pedem, diz com muita intenção, e canta com bastante graça. Na primeira recita, um pequeno incommodo de garganta impediu-a de dizer com correção a parte musical; como, porém, essa causa desapareceu, a estimada artista pode agora patentear os excellentes recursos da sua bonita voz.

O actor Wannimely, no seu papel de Gilletti, é um tanto monotonó; o seu temperamento não lhe consente talvez dar mais vida áquelle typo profundamente comico

que foi encarregado de reproduzir. O actor Cardoso tem na sua apresentação e no seu modo de dizer, a constante preocupação da *pose*; é, solemne e rispido como um tiranno de melodramma. Este é o seu grande defeito; se podesse banil-o, muito aproveitaria. Firmino, apresentou um typo rasoalmente comico, sem o tom de originalidade que tam accentuadamente lhe imprimiu Ficarra. No 2.^o acto, á parte algumas indecisões, diz com muita graça todo o seu papel. Aurelia dos Santos diz com bastante relevo o seu gracioso papel do capitão Fortunato, e Delmira Mendes exhibe uma sympathica condessa de Miramolim.

Os coros, bons. O scenario é magnifico, d'um efeito agradabilissimo, e o guarda-roupa, sob a direcção de José Pinto dos Santos, sobre ser luxuoso, é d'um gosto delicadissimo.

A traducção é esmerada; subscrevem-a os nomes considerados de Gualdino de Campos e Agostinho Albano.

Esta peça foi representada em beneficio de Augusto Garraio, e dos actores Firmino e Cardoso.

Entrou agora em ensaios para beneficio do actor Wannimely, a opera-comica em 2 actos — *As guardas do rei de Sião*, letra do malgrado jornalista Urbano Loureiro, e musica do maestro Franchini.

No theatro Baquet, a nova sociedade artistica que se constituiu apoz a retirada irregularissima da actriz Emilia Adelaide, debutou com o drama em 5 actos — *Pedro* —, original do illustre escriptor José da Silva Mendes Leal.

Este drama, a par de muitos defeitos, tem primores e bellezas que attenuam e quasi escurecem aquelles; Mendes Leal quiz talvez deixar, em logar d'um drama profundamente observado, uma lição eloquentissima bordada n'uma linguagem portuguezissima.

O *Pedro*, é a historia d'um rapaz, que ferido inexoravelmente no seu sentimento de plebeu honrado, por uns aristocratas que dia a dia se abriam deante de si um abysmo enorme, jurou engrandecer-se de per si, trabalhando sempre com dedicação e amor. Os fidalgos que o desconsideraram cahem na miseria, mercê do abominavel vicio do jogo, e o rapaz, Pedro, subindo sempre, e apparecendo nos logares onde mais preciso era para acudir a quem o despresara, salva a vida e a honra d'uma creança, a filha do conde de S. Thiago, que um dia zombara da declaração amorosa que elle lhe fazia, exclamando orgulhosamente — A filha do Conde de S. Thiago não desce, sobe!

No ultimo acto, Pedro occupa-se, como ministro da fazenda, dos negocios d'estado affectos ao seu exame, e ahí recebe a visita da desgraçada creança que fica só no mundo, porque seu pae, na agonia da miseria, se suicidou, e depois d'um magnifico dialogo, cheio d'uma sã philosophia, decide-se a casar com a infeliz, mostrando, n'esta acção generosa, toda a magnanimidade da sua bella alma.

O desempenho é bom. Alvaro diz com muita intelligencia o seu papel; Palmira, conduz-se discretamente, e os demais actores, Carlota Velloso, Gasparinho, Pires, Miguel, Cesar de Lima e Ricardo contribuem para o bom exito da peça.

As duas bodas de Bois-Joly, é uma engraçadissima comedia em 3 actos, que provoca a gargalhada ao mais sizudo; aquillo não é uma comedia, é uma cocega.

Outra comedia engraçadissima é — *O tio padre*, em 3 actos tambem. Em ambas Cesar de Lima é ini-

mitavel, por que sem descambar para o ridiculo, apresenta dois typos originalissimos, d'uma graça faiscante.

Para beneficio do estimado actor Alvaro ensai.-se o drama em 5 actos—*A Sereia*, traducção da—*Charmeuse*, de Alfredo Touroude, pelo nosso amigo e collega Borges d'Avellar.

Na Trindade realisou-se um sarau em beneficio d'um prestimano de Braga. Esperavam-se scenas curiozissimas, incidentes comicos, entreactos burlescos,... mas nada appareceu.

E por hoje basta!

F.

Porto.

Publicações recebidas

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações que agradecemos aos seus auctores ou editores:

Moda Illustrada. N.º 74. O summario é o seguinte:

Gravuras: Vestido de setim e pellucia. — Trajo para casa (frente e costas). — Fecho romano. — Fecho Egeyptio. — Broche Loulon. — Broche Rominagrobis. — Passamanaria. — Dois cabeções e punhos. — Calças para creança. — Duas camisas de creança. — Duas camisinhas. — Cesto com applicações. — Vestido para casa (frente e costas). — Vestuario de jantar, sarau ou concerto, para senhora nova (frente e costas). — Duas floreiras com bordados. — Chapéu caleche. — Chapéu capota. — Corpo para soirée (frente e costas). — Dois bibes. — Dois cabeções. — Cinco trajos para rapazes de seis a quatorze annos (frente e costas). — Dois cabeções e punhos. — Charuteira bordada. — Cinco trajos para mascarar, sendo o 1.º Arrieiro hespanhol, 2.º á Luiz xv, 3.º Marquez á Luiz xv, 4.º Diabinho, 5.º Taberneiro á Luiz xv. — Almofada bordada, desenho Francisco I. — Dois bordados de vidrilhos e contas sobre tulle. — Vestido de panno ou cachemira (frente e costas). — Vestuario para visitas. — Vestuario de setim preto. — Vestuario de noiva. — Vestido para sarau.

Supplementos: Figurinos coloridos. — Folha de moldes e debuchos.

Artigos: Correo da Moda. — Ao fogão. — De relance. — Entre-actos. — Romance da moda. — Fiat Lux! (poesia). — Ornamentação e maneira de pôr uma meza de jantar. — Recommenções uteis. — Passatempo.

Cada n.º da *Moda Illustrada*, consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, de uma folha de moldes e de um figurino colorido. Além d'isso dá minuciosas descripções de todos os figurinos, sendo portanto muito superior aos jornaes francezes.

Assigna-se na Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, 2.º andar, Lisboa.

Bibliographia portugueza e estrangeira. — Summario do n.º 41, 3.º anno:

Contos, de *Fialho d'Almeida*, por Queiroz Velloso e Ignacio da Silva. — **A Delfina do Mal**, de *Thomas Ribeiro*, por Gabriel Claudio. — **Das obrigações solidarias em direito civil portuguez**, de *J. M. Barbosa de Magalhães*, pelo dr. Assis Teixeira. — **Historia da philosophia**, de *Balmes*, apreciações diversas. — **Novas poesias**, de *Faustino X. de Novaes*, por G. T. — **O recenseamento da população**, de *Luiz Augusto Palmeirim*, por Delfim d'Almeida. — **Romances maritimos**, de *F. M. Bordallo*, por G. T. — Publicações diversas.

Revista da Sociedade d'Instrucção do Porto. — N.º 4, 2.º anno. O summario é o seguinte:

Aos nossos protectores, relação das ofertas ao «Museu de instrucção nacional» da sociedade. — O ensino primario e a aprendizagem nos officios (contin.), por Joaquim de Vasconcellos. —

Preparações zoologicas (contin.), por Eduardo Sequeira. — Portugal no estrangeiro (contin.) por Joaquim de Vasconcellos. — Extracto do nosso archivo. — Relatorio da Sociedade de instrucção do Porto, no anno de 1881, receita e despeza.

Bibliographia de Portugal e Brazil. — Jornal das livrarias. Editores, Maximiano & Azevedo. — N.º 7, 1.º anno.

Os devassos ou a republica em Portugal, por Henrique da Cunha. Editores, Maximiano & Azevedo.

O Camões. N.º 72, cujo summario é como segue:

Texto:—João de Barros.—Sciencia para todos: Acustica e musica, por Doutor Jayme.—Ao redor do mundo sem sair de casa: O Uruguay e a Confederação Argentina.—A Scandinavia.— Saudades (poesia) por Alberto Corrêa. — O padre Antonio Vieira, por Narciso Feyo.—O ponto, por Frei Gerundio.—Villa Real, por Abel Accacio Moutinho.—A innocencia das aldeias, por Camillo Castello Branco.—A engeitada (poesia) por Alfredo Martin.— O conde d'Amarante (romance). — A lenda das neves.—Uma procissão no Porto no seculo passado.—Os processos da Inquisição.— O negro e o espelho.— Zig-Zags: Boa resposta.— O amor.—Charada.—Expediente.—Prospecto.

ILLUSTRAÇÕES:—João de Barros.—Musicos.— O pára-quadras.— O negro e o espelho (4 gravuras).

Correspondencia recebida na administração d'este jornal de 1 a 15 de janeiro de 1882.

Como muitas das cartas que nos são dirigidas, umas não tem prompta resposta e outras apenas se tem a accusar-lhe a recepção, resolvemos abrir d'este numero em diante esta secção onde os nossos assignantes poderão certificar-se que a sua correspondencia deu entrada n'esta administração.

Vianna do Castello — Do sr. José Affonso Pinto.

» » » — Do sr. A. Anthero d'Almeida.

» » » — Do sr. Eugenio Martins.

» » » — Do sr. Ricardo José Couto Vianna.

» » » — Do sr. João José Pereira Dias.

Lisboa — Do sr. Carlos Ribeiro.

» — Dos srs. Creswell & C.ª.

Braga — Do sr. Gaspar Leite d'Azevedo.

Santo Thyro — Do sr. José Maria Carneiro de Varziella.

Porto — Da Sociedade de Instrucção do Porto.

» — Do sr. Antonio Peixoto d'Oliveira e Silva.

Espectaculos

Theatro Baquet. — Brevemente subirá á scena em beneficio do actor Alvaro o drama em 5 actos *A Sereia*.

Theatro Principe Real — Terça-feira 17 de janeiro. — A opera-comica *A Senhora Archiduque* e o 2.º acto dos *Dragões d'el-rei*. — A's 8 horas.

Quarta-feira 18 de janeiro. — Beneficio de J. J. da Silva. — As comedias *O dinheiro do diabo* e *A espadellada*. — Uma aria cantada pela actriz Irene Manzoni, em obsequio ao beneficiado. — A's 8 horas.

Quinta-feira 19 de janeiro. — Debut das grandes celebridades artisticas, Mr. Holtum e Miss Anna, o rei e a rainha do canhão. — Pela companhia d'este theatro *As redeas do governo*. — A's 8 horas.